

PARA UMA ABORDAGEM DO TEXTO DE TEATRO

Simone Zied PINHEIRO¹

PRUNER, M. *L'analyse du texte de théâtre*. Paris: Nathan/HER, 2001, 128p.

Diretor de teatro, mestre de conferências de estudos teatrais da Universidade Lumière-Lyon II, além de autor de *Lire Les Caprices de Marianne d'Alfred Musset, une approche dramaturgique* (2000) e de *La fabrique du théâtre* (2000), Michel Pruner circula efetivamente tanto no âmbito teórico quanto no prático do Teatro francês contemporâneo: ele dirige peças, atua como conselheiro de montagens de Ionesco e de Feydeau, profere conferências e publica artigos sobre clássicos do porte de Molière.

Escrito em um francês acessível, ainda que tratando de assuntos fundamentais – e por vezes complexos – para o teatro, o livro *L'analyse du texte de théâtre* expõe uma primeira importante peculiaridade que distingue o texto teatral dos demais: ele é, a um só tempo, material para o espetáculo teatral e obra literária. Assim, é necessária uma abordagem específica que dê conta dessa duplicidade.

Com a finalidade de apresentar uma aproximação analítica pertinente, que abranja os elementos fundamentais que constituem o teatro, Michel Pruner aborda os diferentes problemas que atingem a teatralidade da linguagem dramática: o tratamento do paratexto assim como o texto teatral; a estruturação da ação dramática; a organização espaço-temporal na e da dramaturgia; a abordagem da personagem; o arranjo do discurso teatral.

Diferentes perspectivas e campos oferecem-se à abordagem do teatro. Assim é que em seu *Dicionário de teatro* (2001) P. Pavis agrupa os termos recorrentes no teatro em oito categorias, a saber: *dramaturgia; texto e discurso; ator e personagem; gênero e formas; encenação; princípios estruturais e questões estéticas; recepção do espetáculo; e semiologia*. Dessa forma é possível identificar qual a ênfase dada pelo autor em determinada área do teatro a partir da análise dos termos que ele utiliza. Quanto às perspectivas teatrais, nota-se que, enquanto Eugênio Barba, discípulo de Jerzy Grotowski, entende que, para abordar o teatro, a melhor delas é a antropologia teatral e enquanto Bert States defende uma fenomenologia do teatro, Pruner parece se apoiar na perspectiva de Anne Ubersfeld, com um olhar semiológico sobre o

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP – dallier@uol.com.br

teatro. Entretanto, mesmo dentro desta última perspectiva, percebem-se diferentes ênfases: M. Issacharoff preocupa-se com a enunciação e o discurso teatrais, enquanto J.-P. Ryngaert trata mais das questões relacionadas à dramaturgia (estrutura da ação dramática, questões espaço-temporais, etc.). Ao analisar o sumário do livro de M. Pruner sobre análise do texto teatral, pode-se já aí observar que o autor enfatiza apenas algumas categorias em detrimento de outras: ele trabalha fortemente a dramaturgia, as questões relativas à personagem e ao ator e a questão do texto e do discurso.

Em cada capítulo, Pruner preocupou-se em apresentar um *corpus* da literatura teatral mundialmente conhecido. Esse foi escolhido para exemplificar as abordagens analíticas necessárias ao tratamento de uma obra teatral. Como o próprio autor adverte, na busca por se manter claro e acessível, ele corre o risco de parecer se abreviar demais no assunto de cada capítulo. Entretanto, é nítido que o livro não tem a pretensão de ser mais do que uma primeira abordagem capaz de fornecer os elementos de análise indispensáveis à leitura dramaturgic, tanto para os estudiosos da área, quanto para os amantes do teatro que buscam instrumental para melhor apreciá-lo. Ainda que seja apenas uma abordagem inicial da análise do teatro, Pruner a faz com um instrumental teórico de peso: de Aristóteles a Artaud, de D'Aubignac a Brecht, de Corvin a Pavis, de Souriau a Ubersfeld.

Entendendo o teatro como uma arte social por excelência, o autor esclarece os constantes limiares entre a sociedade e o teatro: este está sempre vinculado a regras, padrões e rupturas comuns a uma determinada época e cultura. Por isso, no primeiro capítulo, quando Pruner apresenta um primeiro tratamento do texto teatral, ele afirma ser indispensável a análise do paratexto (título, gênero, prefácio, introdução, argumento, etc.) e do texto teatral (didascálias e diálogo) a partir do contexto no qual a obra foi produzida.

No segundo capítulo, para tratar a estrutura da ação dramática, o autor começa pela distinção dos três níveis de organização do texto dramático, a saber: a fábula, a ação e a intriga; enquanto a fábula remete o leitor/espectador ao conjunto dos acontecimentos que compõem a história narrada, a ação corresponde ao que a peça apresenta em cena e a intriga é o elemento que designa o encadeamento particular dos acontecimentos. Pruner assevera que o arranjo da ação, condicionante da estrutura externa da obra teatral, obedece a uma lógica que se apóia ao mesmo tempo em considerações estéticas e em convenções teatrais variáveis segundo a época.

Quanto ao espaço dramático, o autor reserva-lhe um terceiro capítulo, mostrando que este deve ser analisado a partir de sua característica dual: de um lado existe o espaço cênico, aquele que supõe a organização do espaço da representação, lugar real onde a relação entre espectadores e atores inscreve-se segundo as disposições mutáveis em função dos períodos históricos e das culturas; do outro lado figura o espaço dramático, puramente imaginário e destinado a tomar forma segundo os critérios estéticos que, em parte, escapam ao próprio autor da obra teatral, pois se trata de um espaço que depende das escolhas do diretor e do cenógrafo. Em qualquer texto teatral a ser analisado, essa dualidade

fundamental existe em estado latente, como algo não-dito, que deve, portanto, ser esclarecido.

O mesmo ocorre com relação ao tempo dramático: coexistem duas temporalidades diferentes que se superpõem sem jamais se confundirem. O tempo teatral, abordado no quarto capítulo, pode ser dividido em: tempo de duração da representação, vivido pelos espectadores, e tempo ficcional, experimentado pelas personagens. Embora Michel Pruner utilize as classificações de Gérard Genette para analisar o tempo dramático, jamais faz referência a essa fonte, nem no texto, nem na bibliografia que se encontra ao final do livro.

Compreendendo a personagem como ser ficcional definido pelos atos sucessivos que ele supostamente realiza, o autor discute, no quinto capítulo, algumas questões pertinentes a esse respeito: para uma primeira aproximação da personagem de Teatro, é necessário que haja uma identificação dela (seu nome, suas características e sua condição social), a sua relação com as demais personagens; e, com relação à organização dramática, a personagem desempenha uma função essencial, pois cada uma representa um papel na ação da peça, sendo definida e identificada pela sua produção. Assim, o sistema actancial permite localizar as relações de força entre as personagens, que se apresentam inicialmente como actantes. E, se o actante constitui uma unidade sintática no âmbito do sistema actancial, o ator designa a personagem como um elemento animado caracterizado por um funcionamento idêntico, se necessário, sob diversos nomes e em diferentes situações. Aqui, Pruner distingue *acteur* de *comédien*: segundo o *Dicionário de Teatro* de Patrice Pavis (2001, verbete *comediante*), o ator é capaz apenas de certos papéis que correspondem a seu *emploi* ou à marca de sua imagem; ele define os papéis em função de si próprio, enquanto o *comédien* desempenha todos os papéis, desaparecendo completamente por trás da personagem. Michel Pruner aborda ainda o papel que a personagem assume no interior de uma ação. É a noção de papel, inseparável da origem da dimensão do texto escrito para a personagem, que designa a função particular atribuída a um ator.

No final do quinto capítulo, Pruner avança na discussão sobre a personagem de teatro enquanto sujeito de um discurso; se em um romance a personagem é suscetível de comentários e explicações de um narrador, o mesmo não ocorre com a personagem de teatro, que está vinculada à realidade física do *comédien*, o que lhe confere uma interpretação fugaz e reinventada a cada representação. Além disso, existem os idioletos da personagem e a situação na qual ela enuncia uma determinada fala. Assim, a personagem age como objeto de uma dupla ilusão de identificação: ela provoca uma apropriação da parte do ator que a interpreta e a incorpora, enquanto suscita também um processo de identificação no espectador que se projeta na personagem que ele vê representada.

Na dramaturgia contemporânea, Pruner aponta a reivindicação da morte da personagem, na sua redução ao estado de marionete, inaugurada por Jarry em *Ubu roi*. Entretanto, não é certo que o teatro possa esvaziar definitivamente o lugar dessa entidade constitutiva que é a personagem.

No último capítulo, o autor trata do discurso teatral: suas duas formas, monólogo e diálogo (o falso diálogo, o dueto, a conversação e o polílogo); a sua pragmática, que se

entende como o estudo dos mecanismos do diálogo e dos jogos de linguagem, os quais são usados pelas personagens que, pela palavra, agem reciprocamente umas com as outras; e os recursos do texto teatral com suas três funções: dramática, poética e de comunicação. A função dramática é aquela que comporta a ação da peça e por vezes chega a comentá-la; o diálogo é carregado de informações explícitas e implícitas concernentes ao desenrolar da ação. A função poética é perceptível no conjunto do diálogo, endereçada essencialmente ao espectador; ela é observada no estilo, às vezes escrito em versos, cuja finalidade é estética. E, por fim, o texto dramático possui a função de comunicação, não somente entre as personagens, mas igualmente entre o dramaturgo e a audiência. Assim, o texto teatral é produtor de sentido, e é por meio da encenação que o autor produz um discurso sobre o mundo.

Na bibliografia Pruner apresenta uma lista de livros e de artigos que, juntos, servem verdadeiramente como um roteiro para o aprofundamento das questões debatidas em *L'analyse du texte de théâtre*. O autor fornece ainda ao leitor dois índices: um, que é dos autores citados ao longo do livro, e outro, de noções e conceitos teóricos aí tratados.

A leitura deste livro de Michel Pruner revela a complexidade de uma análise teatral que se pretenda competente: como o próprio autor indica na primeira linha de seu livro, o teatro é a arte do instante e, logo adiante, afirma que o texto teatral é um objeto ao mesmo tempo indispensável e insuficiente. Resta-nos muito trabalho diante de tamanha ambivalência.

Referência

PAVIS, P. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

